

Canção: intimidade e reflexão

Luiz Tatit está para a canção popular brasileira assim como a letra está para a melodia, ou seja, atualmente, é impossível dissociar tal manifestação cultural brasileira de seu nome.

Como professor de semiótica e pesquisador da Universidade de São Paulo, abordou de maneira apaixonada e singular essa manifestação que, há muito, necessitava de uma sistematização criteriosa. Porém, ao talento do pesquisador e do professor soma-se o do cancionista, não menos singular, que em 1974 fundou o Rumo, grupo de fundamental importância para suas experiências com base nas entoações da fala cotidiana.

Com a solicitude que lhe é peculiar, Luiz Tatit concordou em conceder esta entrevista (a primeira do A Palavra Cantada), onde falou sobre semiótica aplicada à canção popular, sucesso, história da canção, entre outras coisas, nos contemplando com sua inteligência cancional. A seguir, a íntegra da entrevista.

APC- O que te levou a eleger a canção popular brasileira como objeto de estudo?

LT- Minha intimidade com ela. Nada como ter como objeto de reflexão aquilo que você conhece na prática. Vivi intensamente o boom da canção nos anos 60 e comecei a tocar e compor no final dessa década. A semiótica veio depois, a partir de 1974. Só na década seguinte, uni uma coisa a outra.

APC- Tenho lido freqüentemente que seu trabalho com o Grupo Rumo originou-se do sprechgesang (canto falado), criado por Arnold Schönberg, mas, em seu livro "O Cansionista", você afirma ter tido um insight, enquanto ouvia Gilberto Gil interpretando canções gravadas por Germano Matias, que o levou a desconfiar de que toda canção popular pudesse ter sua origem na fala coloquial. Somente uma dessas afirmações é correta ou elas são correlatas?

LT- Tomei contato com a noção de Sprechgesang bem depois que a atividade do Rumo já estava em curso. Tudo ocorreu a partir de escutas sistemáticas de canções de nosso passado musical. Essa prática, inclusive, deu origem ao disco Rumo aos antigos. Tinha verdadeira obsessão por encontrar o componente técnico sobre o qual pudesse estar fundada a linguagem da canção. Até então, só tinha certeza que esse componente não era o mesmo da música erudita (nem do jazz) nem da literatura. Os sambas são bastante sugestivos em termos melódicos. Contém inflexões que parecem acompanhar claramente as entoações da linguagem oral. O insight na verdade foi pensar na possibilidade de generalização desse traço tão evidente no samba. É como se os demais gêneros camuflassem a base entoativa - que o samba explicita - mas, nem por isso, deixassem de utilizar exatamente os mesmos recursos. A concepção cancional prevê um processo de tornar compatíveis melodia e letra, tendo como matéria prima a entoação oral e como dispositivo de montagem o arranjo instrumental. O sprechgesang segue uma concepção de natureza musical e o canto falado tem sobretudo um cunho mimético: a entoação é tratada como efeito final e não como raiz de um processo.

APC- Certa vez você disse que "colocar letra numa melodia é extrair de um modo de dizer o que pode ser dito", explique melhor esta afirmação.

LT- Fazer uma melodia de canção é, no fundo, criar um modo de dizer e deixá-lo a espera de algo a ser dito. Nada a ver com forma à espera de conteúdo. Pelo contrário. Compor a melodia significa conceber uma dicção repleta de desejos, de sentimentos e de afetos, de tal maneira que a letra só vem fechar um tema específico para o caso. Claro que não é fácil fechar esse tema adequadamente. O trabalho do letrista é também exaustivo, mas, de todo modo, cabe a ele detectar - com a habilidade que lhe é peculiar - os pedidos emotivos que já vêm impressos na melodia.

APC- O que é semiótica e como você aplicou esta teoria à canção popular brasileira?

LT- Semiótica é um projeto de ciência que tem como meta estudar a construção do sentido nos textos lingüísticos, musicais, pictóricos, cinematográficos, etc. Ela tem a vantagem de não se ater apenas a objetos de estudo consagrados. Tudo que gera sentido é virtualmente passível de descrição. Num primeiro momento, utilizei os métodos da teoria apenas para identificar a presença entoativa, em suas diversas manifestações, na canção brasileira. Em seguida, concebi alguns critérios para traçar uma tipologia dos gêneros de canção desde seu início nas primeiras décadas deste século. Por fim, propus um modelo para a análise de qualquer canção, desde suas tensões melódicas e lingüísticas mais abstratas até o produto sonoro final. O livro "Semiótica da canção: melodia e letra" é o resultado mais completo desse esforço.

APC- Por que você considera que "a canção é a vocação brasileira"?

LT- Uma das vocações brasileiras. Mas, de fato, uma das mais influentes. A história brasileira não passa muito pelos registros cultos, não passa muito pela escrita ou pelas elaborações eruditas. A tradição nacional é a oralidade e toda a interinidade que ela representa. A linguagem oral é provisória e, a princípio, não tende a durar. No entanto a canção foi a forma mais incisiva de fixação da oralidade brasileira. É por ela que as obras de inúmeros artistas puderam ser conservadas e transmitidas às novas gerações. Acho realmente que é a nossa linguagem por excelência.

APC- Em entrevista concedida ao jornal O Estado de São Paulo, no dia 27/3/2000, você afirmou que, quando começou a se interessar por canção popular, os "melhores compositores desta época não eram músicos" e, em suas aulas no curso de pós-graduação na USP, você afirma que não há critérios para distinguir canção boa de

canção ruim e que, também, não achou critérios científicos para certificar, por exemplo, a superioridade de Tom Jobim sobre Jorge Benjor. Afinal, existe canção boa e canção ruim? O que faz de um compositor cancionista um bom compositor? Existe o compositor ruim?

LT- Um compositor popular só pode ser considerado incompetente se não conseguir transmitir convincentemente a base entoativa de sua canção. Por exemplo, algumas músicas sertanejas, compostas à maneira de outras que deram certo no mercado, muitas vezes perdem o "modo de dizer", não mais persuadindo o ouvinte, por vezes os próprios fãs diretos. Isso não quer dizer que todas as músicas sertanejas sejam de má qualidade. Quando a melodia começa a ser composta sem base entoativa, o modo de dizer a letra deixa de convencer: perde sua singularidade e é isso que leva à exaustão do gênero. Ou seja, os critérios de mérito devem ser encontrados no âmago da linguagem e não na importação de parâmetros da música erudita ou da literatura. Por exemplo, dizer que uma canção não é boa por se servir apenas de dois ou três acordes é tolice de alguém que desconhece a linguagem. Dizer que as rimas são pobres ou que a melodia é repetitiva não traz qualquer contribuição à crítica da canção. Uma crítica conseqüente incidiria necessariamente sobre a raiz entoativa da música, sobre o modo de dizer a letra. Por isso que é difícil distinguir a boa música da má. Quem está preparado para descrever compatibilidades entre melodia e letra? E para detectar excessos ou carências nas criações melódicas e lingüísticas? Não são muitos. Não vejo relação entre a questão da boa ou da má música e o fato de ter mencionado que "os melhores compositores desta época (seja que época for) não eram músicos". Quando falo em grandes compositores penso em artistas consagrados como Roberto Carlos, Milton Nascimento, Peninha, Caetano Veloso, Jorge Benjor, Tim Maia, Arnaldo Antunes, Rita Lee, Adoniran Barbosa, Guilherme Arantes, Chico Buarque, enfim, todos que estão pela

mídia. E, de fato, nenhum deles faz uso de competência musical (no sentido estrito) para produzir.

APC- Penso que todo cancionista almeja ter pelos menos uma canção de sucesso e, a meu ver, isso não parece te incomodar, apesar de, recentemente, você ter sido gravado por intérpretes de relativo sucesso como Ney Matogrosso e Daúde. O sucesso te interessa ou você já o considera alcançado?

LT- Sempre me interessei pelo sucesso mas também sempre soube que isso não depende de mim. Ninguém faz música de sucesso. Fazem sucesso de algumas músicas, por fatores que quase nunca estão a nosso alcance. Essa não deve ser, a meu ver, uma questão para o artista. A este cabe produzir.

APC- Você é finalista do Prêmio Multicultural Estadão-2000. Qual a importância dessa indicação para a sua carreira acadêmica e artística?

LT- Ainda não dimensionei muito bem a importância dessa indicação. Mas só vejo aspectos positivos. Afinal, ela procede de um grande jornal brasileiro e sinto que estou muito bem acompanhado entre os demais indicados. Quanto ao que poderá decorrer dessa indicação, como já sou gato escaldado, prefiro esperar.

APC- Segundo algumas entrevistas suas, João Gilberto está firme no seu projeto extenso da Bossa Nova, em busca da canção absoluta. Em "João voz e violão", ele roçou a canção absoluta? A canção absoluta faz parte de seus desígnios?

LT- Não. A canção absoluta deve ser considerada ao lado da canção relativa. Ambas são expressões dos principais movimentos musicais que atingiram a canção: a bossa nova e a tropicália. A busca da canção absoluta é um gesto bossanovista assim como a busca da canção relativa é um gesto tropicalista. Uma procura produzir uma triagem da música popular brasileira, chegar a sua essência, a outra quer eliminar toda

forma de exclusão. O gesto da bossa nova se faz presente sempre que as entoações deixam de convencer e os maneirismos começam a imperar e a criar excessos no mundo da canção; o gesto da tropicália vem sempre confirmar que todas as dicções são indispensáveis ao bom funcionamento da música brasileira. Ambos devem ser considerados em sua ação simultânea ininterrupta.

APC- O que falta musicar na semiótica?

LT- A musicalização da semiótica começou com as propostas de uma semiótica tensiva. Em 1981, um semioticista chamado Claude Zilberberg lançou um livro - até hoje pouquíssimo difundido - que pretendia revelar a base tensiva das modalidades (além dos tradicionais verbos modais "querer", "dever", "saber" e "poder", o autor considerava todas as formulações emotivas que ligavam o sujeito ao verbo principal do discurso). Em 1991, foi publicado "Semiótica das paixões" (A.J. Greimas e J. Fontanille) que deu continuidade e coerência teórica a essas idéias iniciais daquele autor. Hoje, J. Fontanille se aliou a C. Zilberberg e lançaram o volume "Tensão e significação" que, aliás, acabo de traduzir, com mais dois colegas, para o português. Entretanto, nenhum desses autores é músico ou cancionista. Só tratam do assunto metaforicamente.

Por isso, venho tentando construir um modelo de análise cancional fundado nessa semiótica tensiva, mas devidamente adaptado aos objetos que são de meu conhecimento. Mas ainda falta muito para musicar completamente a semiótica que, em princípio, foi proposta à imagem e semelhança dos textos lingüísticos.

APC- Frequentemente ouço pessoas afirmarem que nunca mais vai haver uma geração de cancionistas como a do final dos anos 60. Você concorda com isso? O que você tem visto de novo e bom no âmbito da canção popular brasileira? Como você vê a divulgação da canção popular brasileira por veículos, até pouco tempo, inimagináveis como a internet e o formato mp3?

LT- Nos anos 60, toda a música brasileira estava concentrada na Record: Fino da bossa, Jovem guarda, Tropicália, Bossaude, festivais da canção. Isso tudo produziu uma idéia de dinâmica extraordinária que, em grande parte, se devia a essa concentração de todas as tendências num canal que havia se especializado em música. Isso nunca mais aconteceu. A Globo se especializou em novelas e a canção foi sendo levada a ocupar outros espaços que evidentemente contribuíram para a sua dispersão. O fenômeno Internet deverá em curto prazo incorporar todas as manifestações cancionais sejam essas importantes ou totalmente superficiais. Haverá espaço para todos, inclusive para uma verdadeira poluição musical que, certamente, criará outro tipo de problema. O formato MP3 está provocando uma revolução nas gravadoras e nas empresas que querem sobreviver na era do download. Tudo vai de encontro à antiga ordem da centralização. Acho que as perspectivas são de avanço e de melhoria das condições para todos.

APC- O que você achou da lista das "50 piores músicas de todos os tempos", publicada em 13/3, na Folha de São Paulo, pelo jornalista Álvaro Pereira Júnior, que incluía canções como "O Bêbado e a equilibrista", "Leãozinho", "Faroeste Caboclo", "Tarde em Itapuã", "Vida de Gado", "Punk da Periferia" e muitos outros sucessos nacionais?

LT- Não li essa matéria, mas, ao que tudo indica, deve ser manifestação das idiosincrasias do articulista, uma espécie de crônica para fazer graça. Deve ser tratada como tal.

APC- Este boletim está sendo saudado e parabenizado por um grande número de pessoas cadastradas para recebê-lo mensalmente. Você acha que o interesse por um conhecimento mais profundo da canção popular brasileira está crescendo ou falta publicação a seu respeito no mercado?

LT- Sim, está crescendo e falta publicação e informação a respeito. Qualquer iniciativa que tenha a intenção de difundir o que já foi sistematizado sobre a canção popular, certamente estará contemplando um grande número de aficionados da matéria e, entre eles, um imenso contingente de jovens que se relacionam visceralmente com a música popular e que nem sabem por onde começar o seu trabalho.

APC- Fale um pouco de seus novos projetos, Cd, livro, home page e apresentações ao vivo.

LT- Ultimamente, venho fazendo muitos shows apenas com o violão. Eles são anunciados em minha homepage (www.luiztatit.com) e, com maior ou menor destaque, pela imprensa. Devo concluir meu novo CD, que se chamará "O meio", ainda este semestre. Neste momento, escrevo também um livro para os estudantes que querem aprender análise semiótica. Nele são analisadas inúmeras letras de música, em geral bem familiares aos leitores. É isso.

- **Notas**

- Caros amigos, chegamos à marca de 600 cadastrados! Quero agradecer às indicações e aos cadastros voluntários, informando que os artigos anteriores podem ser lidos no www.jet.com.br/marciocoelho , onde, também, após cadastrarem seus E-mails, vocês mesmos podem fazer suas indicações, o que me ajudaria sobremaneira.

- Gostaria de registrar a campeã de indicações : **Mônica Salmaso**. A moça, pelo jeito, é muito querida, além de talentosa. Parabéns!

- Informo que, por contar apenas comigo mesmo (como dizia Adoniran Barbosa) para a realização deste boletim, a sua periodicidade poderá variar um pouquinho, o que impossibilitar-me-á de divulgar shows ou quaisquer outros eventos que não sejam subseqüentes à sua publicação. Mas, quando for possível, divulgarei com enorme prazer.

- **Dicas**

O violonista Leandro Carvalho me presenteou com duas grandes pérolas: Os Cds "O Poeta do Violão" e "Descobrimo João Pernambuco". Não sou crítico musical, mas não posso deixar de indicá-los aos aficionados pelo "violão brasileiro".

Leandro é orientando do mestre Ariano Suassuna e desenvolve um trabalho acerca da obra de João Pernambuco, interpretando sua obra de maneira respeitosa e arrojada. A seguir trechos dos comentários de Ariano Suassuna e Turíbio Santos sobre o seu trabalho:

"(...) O resultado é um presente para a cultura musical brasileira. João Pernambuco está de volta(...) como se todo o começo do século nos fosse devolvido com absoluta autenticidade."(TS)

"(...) Mas o trabalho de Leandro Carvalho assumiu, desde o começo, um caráter singular, que o destaca dentre todos os que buscaram redescobrir o Mestre pernambucano."(AS)

Quem quiser entrar em contato com Leandro o endereço é leandrofrc@uol.com.br . Parabéns, obrigado e um grande abraço, Leandro.

- **Congratulações**

- Parabenizo-lhe por seus artigos, muito bem escritos, objetivos e sem "babozeira intelectualóide". (Leandro Carvalho)

- Parabéns....seus emails serão sempre bem vindos.... e obrigado , pois hoje mesmo cantavo "pelo telefone" e me pareceu muito oportuno viajar um pouco mais... (Sílvio D'Amico)

- Bem legal a idéia da"palavra cantada!". Gostei da minha inclusão. Se quiser posso indicar alguns emails de compositores da"nova MPB" (Luiz Gayotto)

- Olá Marcinho! Parabéns pelo belo trabalho! (André Mehmari)

- Recebi a mensagem com "A Palavra Cantada". Não podia deixar de, no mínimo, dar os parabéns pelo projeto. Como diz a canção, quem sabe faz a hora, não espera acontecer. De modo geral, muitas vezes as pessoas são treinadas a ficar esperando a hora (especialmente hoje em dia, com um "enterteinement" jogo-bruto pela TV). A Palavra Cantada faz acontecer. (Dalton Amorim)

- Informação e divulgação de alto nível. Parabéns! Mais um passo à frente. (Dimi Zumquê)

- Caros amigos:

Sou assinante do boletim A Palavra Cantada, que me foi indicado por uma amiga. Eu não moro no Brasil, sou espanhol e moro na Espanha, mas sou apaixonado pela música brasileira. Escrevo crítica musical em revistas espanholas.

Principalmente, minha colaboração com essas revistas tem a haver sempre com músicas do Brasil. Estou gostando do boletim, sim. Obrigado por tudo. (José Maria Martinez)

- Caro Márcio,

Muito boa sua pg na internet, é muito legal saber que tem pessoas que além de produzirem música, estão interessadas na memória da música e na divulgação de informações sobre o tema. Parabéns! (Fabiola Ramon)

- Muito bom o texto de hoje. Estou esperando pelo próximo. Realmente a iniciativa é 10 Muito obrigado pelo apoio.(Ulisses Rocha)

- Caro amigo Márcio, acabo de receber com muita alegria o seu e-mail com preciosas notícias sobre a origem do glorioso samba. Muito obrigado! Gostaria de saber quantos números da "Palavra cantada" já saíram, pois todos me interessam no mais alto grau. Eu sou professor de organologia na Universidade de Veneza e tenho uma grande paixão pela MPB da época de ouro. Cordiais saudações e parabens! (Angelo Zaniol)

- Encantador projeto este, que me deixou extremamente satisfeita em recebê-lo na minha caixa postal eletrônica. Diria que mais que "A Palavra Cantada" tenho recebido "A Palavra Encantada" . Desejo sucesso e vida eterna...(Clarice Barreto)

- Meus parabens pela excelente iniciativa da, "A Palavra Cantada-Canção". Sou Rogério Acioli, flautista, músico de Osquestra e da "Palavra":_da Noite Meu nome foi indicado por um amigo músico de São Paulo, Leandro Carvalho.Abraço, e à frente!

- Muito estimado Marcio

Voltei agora em abril de Honduras, e até agora teve oportunidade de olhar o livro que você mandou para mim. Que beleza, que profundidade, agradeço-lhe por compartilhar isso que educa e edifica. Eu gostaria receber tudo o que você escrever sobre o tema, e também de entrevistar gente do povo brasileiro para reportagens cá en Nova Iorque. Obrigado, e muito prazer.

Walter

Márcio Coelho é cancionista, fundador da banda É Tudo Cena Dela, professor de História da Música e Semiótica da UNAERP e de musicalização do Colégio Bento Benedini e mestrando em semiótica aplicada à canção popular brasileira na USP-SP.

-

